

te a justiça da Lei. Mas queria compreender, pois em seu coração o presságio era forte e o desejo de servir ao Senhor, poderoso. Por isso me pediu que lhe ensinasse o batismo com o fogo do Espírito Santo.

E, recordando a luz de meu Rabi, disse-lhe:

“Nicodemos, irmão. O Espírito Santo é santo porque é invisível, inaudível e impalpável fora do coração humano. Mas há a quem chega como um perfume e para outros com o sabor do leite e do mel que comeram nossos pais, aqueles que sabiam qual era a terra prometida aos judeus. Por isso, ao Espírito Santo não se pode comunicar com palavras deste mundo. Pois é imaculado e, enquanto toca as coisas deste mundo, recebe mácula. Por isso meu Rabi insiste em dizer-nos: 'Bem-aventurados os de coração puro, pois eles verão a Deus'. Poderia ser de outra maneira, Nicodemos? Até no entendimento de todo o pecador brilha a luz, mas nem todos os pecadores sabem que são pecadores e por isso nem todos ousam voltar o rosto para ela. Pois não há luz nem fogo do Espírito Santo para quem não sofre as trevas. E um coração puro há de estar vazio e limpo de tudo, salvo do anelo de Deus que Deus mesmo semeou em nossos primeiros pais. Mais é a luz que a chama, mas a chispa não é menos que a luz.”

Nicodemos pensou um instante em sua confusão.

“É necessário que a Lei seja guardada pelos anciões de Israel. Como, pois, teu Rabi pretende que se semeie no coração das multidões?” disse-me.

E eu lhe respondi:

“A Lei chega aos homens pela graça de Deus, pois antes que o mundo fora, o Pai é. Assim como meu Rabi. Antes que Abraão fosse, ele é.”

“Blasfemas, Judas,” exclamou Nicodemos.

“Que a paz do Senhor seja contigo, Nicodemos.”

“E com teu espírito.”

E tive de afastar-me de Nicodemos, mas sabia que a luz aumentaria em seu entendimento, pois, ainda que o Grande Sacerdote também se inquietasse pelos feitos de meu Rabi, em todos ardia a esperança da libe-

ração.

Quando cheguei ao pátio do Templo encontrei Caifás. Sabendo-me discípulo do Cristo também me interrogou:

“Quiséramos obrar com prudência, Judas,” disse-me. “Mas devemos guardar o zelo da tradição para que o povo não se perca.”

“Meu Rabi não tem vindo para ab-rogar a Lei ou os profetas, mas tem vindo a dar-lhes cumprimento.”

A ira apareceu em seu rosto, e nela vi um reflexo daquela visão na qual todo o milagre já existia e se multiplicava. Vi nesse instante como o rosto de Caifás e mesmo seus pensamentos e seus sentimentos também se multiplicavam nos tempos que haveriam de vir.

“Pretendes acaso que não damos cumprimento à Lei?”

“Meu Rabi tem dito que nem todo aquele que clame 'Senhor, Senhor' verá o Reino dos Céus, senão aquele que faça a vontade do Pai que está nos céus.”

“E como haveremos de conhecer essa vontade a menos que interpretemos a Lei de Moisés?”

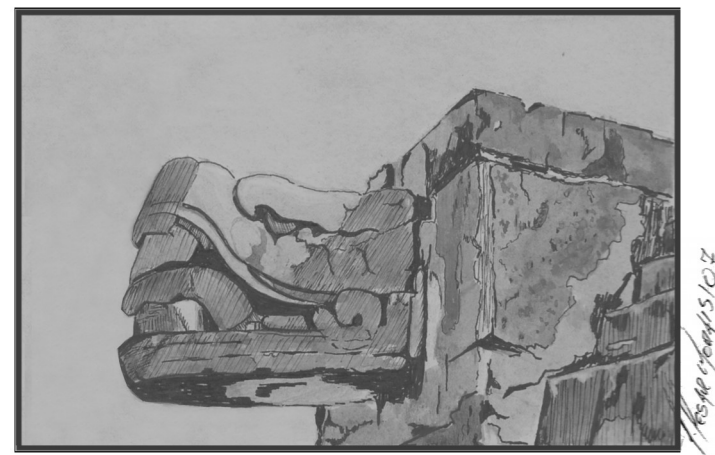
“Aspirando a graça de meu Rabi Jesus.”

E também me afastei dele.

Naquela noite, inquieto, velava orando como nos havia ensinado nosso Rabi Jesus; e no meio de minhas orações, ouvi sua voz vibrando dentro de meu peito:

“Jerusalém, Jerusalém! Que tendo olhos não vês e ouvidos não ouves. E toda a palavra do profeta é lapidada em ti. E assim é com o homem em seu minguado entendimento. Um dia gritará “Hosana!” e ao seguinte: “Crucifica-o!” e em tudo isso há verdade, e assim há de ser. Porque na lapidação também há justiça. Pois as pedras se transformam em pão e o pão em Espírito Santo quando se cumpre com a vontade de Deus. Turvo é o meu falar, mas não é turvo meu dizer, que a luz brilhe no coração do homem para que possa abrir seu entendimento.”

Em minha agonia recebi consolo, pois vi que parte do homem era Jerusalém na multiplicação milagrosa que já bem conhecia. E como havia



CENOTE – Poço de água subterrânea. O Cenote Sagrado existiu em Chichen Itzá e era lugar de cerimônias místicas.

nela uma luta secreta entre o procurador do invasor estranho e os guardiões da Lei de Deus, e como na impiedosa guerra surda entre ambos surgia a dor das multidões de seres que deles dependiam, e como, porque ambos o ignoravam, havia dor e miséria em Israel.

Soube nesse momento que meu Rabi entraria em Jerusalém.

E assim foi.

E poucos dias depois entrou montado à garupa de um jumento e não sobre um corcel. Em tom de paz e de humildade vinha e não em tom de batalha. Pois era necessário que o homem fosse salvo e unicamente podia ser salvo não gerando violência, mas deixando-se ver somente por aqueles que têm olhos e ouvidos para ver e ouvir.

*

*

*

Anás, Caifás, o centurião romano que falava por Pilatos e vários fariseus discutiram três noites antes da festa da Páscoa. Nicodemos se opôs à violência que buscava Caifás e mandou me chamar.

E, quando se retirou junto com o centurião romano, fiquei a sós com Caifás e Anás.

“Que propósito move a teu Rabi, Judas?” perguntaram-me.

“Que o homem conheça a verdade e seja livre”, respondi.

Ambos sorriram, sem ocultar seu desprezo.

“É necessário prendê-lo,” comentou Anás.

Meu coração palpitou cheio de angústia, pois senti o poder de meu Rabi urgindo-me a falar.

“Eu vos posso dizer onde achareis ao Cristo,” anunciei.

E ambos me olharam com assombro. E nesse instante compreendi como a Graça de Deus também obrara em seu entendimento, pois, mais que a meu Rabi, eles queriam ao Cristo. E assim combinamos uma entrevista para a noite seguinte.

E o comuniquei a Nicodemos. E Nicodemos compreendeu, porém seus olhos se encheram de lágrimas, e nelas vi sua compaixão por mim.

Sete dias antes da chegada de meu Rabi a Jerusalém dormi em Bethânia, na casa de Lázaro, o ressuscitado e comungamos juntos com

Marta e Maria. E nessa comunhão chegou a nós, novamente, a palavra de consolo de nosso Rabi, dizendo a cada um no recôndito do próprio coração:

“Cegou os olhos²⁵ deles e endureceu seus corações; para que não vejam com os olhos e entendam de coração, e se convertam, e eu os cure.”

Então soube que a multiplicação repetia a alma das coisas, pois estas eram palavras de Isaías. E compreendi como os príncipes dos fariseus também anelavam e acreditavam em meu Rabi Jesus sabendo que ele era o Cristo Vivo, mas temiam a ira dos donos da sinagoga porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

E tudo era como devia ser.

Pois novamente nos falou a palavra do Cristo no coração e repetiu:

“Se o grão de trigo não cai na terra e morre, ele só cai; mas se morre, muito fruto dará.”

E todos sabíamos que a vida do Senhor estava nas mãos de nosso Rabi, o qual havia vindo a semear para todos os tempos que viriam, como antes dele haviam semeado nossos pais com a Lei e os profetas. Mas este fruto, fruto novo era. Porém nem todos podiam entender esta palavra.

25 N.T. “No texto original está escrito 'oído', entretanto faz menção às palavras de Isaías onde encontramos 'olhos' (João Cap.13.40)”

VOCABULÁRIO

Das palavras Mayas empregadas nos livros Dois e Três

AHAU – Deus, homem divino, rei, “Deus-Rei”, “Grande Senhor”.

BALCHÉ – Bebida que se extrai de uma árvore em Yucatán e que se fermenta. Também significa árvore escondida.

CENOTE – Poço de água subterrânea. O Cenote Sagrado existiu em Chichen Itzá e era lugar de cerimônias místicas.

COZUMIL – Pequena ilha de frente a Península de Yucatán que significa “Terra das Andorinhas”. Atualmente se chama Cozumel. Esta ilha foi indubitavelmente a sede de um seminário ou escola esotérica da cultura Maya.

DZULES – Senhores; este nome se deu aos espanhóis nos primeiros tempos da conquista.

KATUN – Época ou período da cronologia Maya. Pequeno século Maya de 20 anos de 360 dias.

KUKULCAN – Grande instrutor divino “Serpente com Plumas”, equivalente ao Quetzalcoatl nahoa.

MANI – “Tudo passou.” Também é o nome de uma famosa cidade Maya que nos tempos da conquista foi sede dos Reis Xiu e o último refúgio da civilização Maya e de sua cultura religiosa.

PAUAH – “Os que distribuem ou dispersam o jorro da vida.” Quatro espíritos celestiais.

TZICBENTHAN – “Palavra que há de obedecer.”

SAC-NICTÉ – Branca Flor.

Pois os onze foram salvos.
E assim o espírito permanece nos céus, o corpo na terra.
Onde levas a alma?

Fim

Capítulo XIII

No dia seguinte, seis dias antes da Páscoa, meu Rabi chegou a Bethânia.
E os seis dias sucederam repletos de emoção e de vida.

Cada dia marcou seu tempo na multiplicação dos feitos, até o final.

E nosso Rabi nos amou a todos, até o fim.

No quinto dia, de noite, levou-nos com ele a sua ceia.

E nos disse:

“Hoje é o quinto dia antes da Páscoa. E na Páscoa meu Pai será glorificado.”

E nos lavou os pés.

Mas nem todos ficaram limpos.

E no silêncio que seguiu às suas palavras, quando havia inquietude em todos, meu Rabi disse:

“Não falo de todos vós; eu sei os que escolhi. O que come pão comigo levantou contra mim seu calcanhar. Desde agora vos digo, para que quando se fizer, creiais que eu sou. De certo vos digo: o que recebe ao que eu enviar, a mim recebe; o que a mim recebe, recebe a quem me enviou.”

Logo, em meio à inquietude de todos, ao perguntar-lhe João quem havia de entregá-lo, anunciou:

“Aquele a quem eu der o pão molhado.”

E, estendendo a mão com o pão molhado, ofereceu-me, e eu o recebi. E seus olhos me olharam cheios de compaixão e os meus estavam banhados em lágrimas, pois minha alma estremecia de terror. E nesse instante

meu Rabi me olhou e em seu olhar colocou a memória daquela noite no monte quando havia me levado à esquerda de nosso Pai que está nos céus.

E compadecendo-se, disse-me:

“O que fazes, faze-o depressa.”

E traguei o bocado...

E quando o traguei, a multiplicação de meus feitos ficou para todos os tempos.

E o tempo urdido nessa noite por meu Rabi Jesus tem chegado a seu fim, porque assim é necessário para a glorificação do Pai que está nos céus.

Ao comer o pão molhado nessa noite, senti cair sobre mim a barreira do tempo, e o Eterno, a plenitude de Deus que eu havia conhecido no amor de meu Rabi, não passou mais em meu coração. Meu entendimento se nublou e me vi prostrado de joelhos ante a morte e temendo, porque as trevas se estendiam no tempo até que a opressão que o homem sofre em sua queda lhe fizesse novamente clamar e mendigar a luz.

E Satanás falou em meu sangue com palavras de fogo:

“Esquece a luz que partiu.”

E comecei a sentir a transformação.

Então senti que não era mais o dono de meu ser, senão o escravo do que me sucedeu, e caíram sobre minha mente as trevas da terra. E o que eram os reflexos do ser de luz, iluminaram nelas com multiplicidade de sombras, e era uma gama oscilante de cores, porém em nenhuma havia a brancura original.

E caí no esquecimento de meu próprio Rabi e já não estava mais nele.

E no entanto sua luz caiu ardendo em minhas trevas, mas não podia vê-la.

Então os olhos de meu Rabi me olharam e por um instante senti sua piedade em meu próprio coração, mas logo ela se converteu em ira e despeito, pois com o pão molhado havia se diluído toda a plenitude que ele mesmo me havia dado.

Acreditei então na morte.

E minha amargura se converteu em minha força.

E obrei. Mas não obrei de mim mesmo, pois toda a potestade me havia sido tirada para que aquele que tenha olhos veja, e que tenha ouvidos ouça. Pois nestas minhas palavras não há uma sílaba que não diga algo, nem um verbo que não indique um tempo.

Mas nada do meu Rabi é do tempo e suas palavras se repetem agora, como em todos os tempos: “Meu reino não é deste mundo.”

E de mim mesmo agrego: “Este mundo está no reino, mas não como estou eu. Que, o que do mundo pudesse ser do reino, suspenso está, pendurado de um galho, carente de plenitude, sem que o cérebro e o coração toquem o céu, e sem que os pés fendam a terra.”

*

*

*

Homem de linhagem Maya: em treze partes, contei o que sei sobre Judas. Até a nona caminhou unido pelo amor de Jesus, quem lhe lavou os pés, mas não ficou limpo de tudo, porque na segunda ronda do nove vendeu o Cristo vivo ao mundo e se cumpriu a Escritura.

Pois quando Judas chegou com uma companhia e os ministros dos pontífices e dos Fariseus, Jesus lhes perguntou:

“A quem buscais?”

E eles disseram:

“A Jesus Nazareno.”

E ele disse:

“Sou eu.”

E eles retrocederam e caíram por terra.

E pela segunda vez Jesus lhes perguntou a quem buscavam, e pela segunda vez lhe disseram: A Jesus Nazareno.

E pela segunda vez ele disse:

“Sou eu; pois se a mim buscais deixai estes irem.”

Os enviados do príncipe deste mundo perguntaram duas vezes, não mais.

E com isto também se cumpriu a escritura.